

O INCENTIVO À LEITURA POR PARTE DE FAMILIARES DE ALUNOS DO CAMPO

LUCAS GONÇALVES SOARES¹; ELIANE PERES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – luks_gs21@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute os resultados de práticas de leitura literária vivenciada com alunos que vivem e estudam em uma escola do campo. Tais práticas constituem-se, agora, no objeto de minha dissertação de mestrado em andamento no PPGE-FaE-UFPel. As perguntas que se impõe são: Quais os resultados de práticas de leitura literária em uma escola do campo? É possível que familiares, mesmo sem serem leitores ou até mesmo de ter contato com livros, quando motivados, incentivem seus filhos a constituírem-se como leitores? Para tanto, serão apresentados alguns resultados da análise de textos produzidos a partir da vivência de uma prática de leitura literária denominada “Sacolas de Literatura”. A atividade foi promovida por mim, professor e agora pesquisador, em duas turmas 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke, localizada na zona rural do município de Canguçu/RS, na localidade do Herval, distante 24 quilômetros da sede do município. A análise feita é de 11 diários coletivos, produzidos no segundo semestre de 2014, com uma turma de 5º ano constituída de 16 alunos, e no primeiro semestre de 2015, também com uma turma de 5º ano, formada por 21 alunos.

A comunidade onde a escola está inserida é formada, predominantemente, por descendente de pomeranos e alemães, por essa descendência existem muitas famílias que se comunicam apenas pelo dialeto pomerano, alguns alunos quando entram no 1º ano do Ensino Fundamental, além de aprender a ler e a escrever, precisam também aprender a falar a Língua Portuguesa.

A maioria das famílias que formam a comunidade escolar Alberto Wienke, tiram seu sustento do trabalho desenvolvido em suas pequenas propriedades rurais, onde cultivam principalmente fumo.

Pensando no local de pesquisa, a comunidade Alberto Wienke, uma das dificuldades que nós, professores, encontramos é a forma como as famílias veem a Educação, apenas como uma fase obrigatória e assim que acabar, então, a “vida real” começará, geralmente com trabalho braçal. Contribuir para desmistificar essa ideia, talvez seja um dos maiores desafios enfrentados.

Com a prática em sala de aula, a partir da observação, atuação e interação com os colegas e gestores, principalmente nas reuniões pedagógicas e nos encontros de formação continuada da escola, o seguinte problema tem sido recorrente: a dificuldade dos alunos na linguagem (expressão oral, argumentação, vocabulário e produção escrita). É comum escutar de colegas professores, independente se trabalham em escolas do campo ou cidade, expressões como: “os alunos não gostam de ler” ou “os alunos não sabem interpretar textos”. Em contrapartida, os alunos queixam-se de que “é muito chato responder fichas de leituras e fazer resumos de obras indicadas pelos professores”. Essa crise de apontar culpados mostra um cenário preocupante, no qual os alunos encontram dificuldade de expressar-se tanto de forma escrita como oral, apresentam pouca familiaridade com a literatura e demonstram limitações na interpretação de textos e no vocabulário.

Os educadores da Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke justificam-se: “Eles não leem pelo seu contexto de alunos do campo, a leitura não os interessa e nem a família incentiva”. Por que a leitura não interessaria aos alunos do campo? É preciso ser da cidade para ser leitor? Os alunos do campo não têm o mesmo potencial dos alunos da cidade? Caso a literatura disponível não interesse aos alunos do campo, qual interessa? A família de fato não incentiva as práticas de leitura?

Motivado por estes questionamentos, desde junho de 2014 promovo práticas de leitura literária que envolvem não apenas os alunos, mas também seus familiares. A primeira experiência foi com uma turma de 16 alunos, entre eles 7 meninos e 9 meninas, todos filhos de agricultores, na faixa etária de 9 a 13 anos. A segunda, neste ano de 2015, está sendo desenvolvida com uma turma de 21 alunos, 9 meninos e 12 meninas. Para este trabalho destaco uma dessas práticas literárias desenvolvidas: “Sacolas de Literatura”.

Deve-se levar em consideração que as práticas de leitura, vão ao encontro da afirmativa de Castrillón (2011, p.65), ao defender que “[...] a leitura, em especial a leitura literária, não é um meio de lazer passivo, ao contrário, tem profundo sentido e valor”. Foi considerando isso que propus a atividade das “Sacolas de Literatura”. Tal atividade consiste no seguinte: O aluno escolhe algumas obras (livros do acervo do professor/pesquisador e da escola, contando com 210 obras), a seu gosto, coloca em uma sacola previamente preparada para ele e leva para casa. Lá deve escolher um momento e realizar uma leitura, na posição de leitor¹ com sua família. Após isso, no diário de leitura, também previamente preparado e também depositado na sacola, registra como foi a realização da atividade e como os familiares acolheram a atividade.

Os relatos orais e escritos indicam que esta prática promove momentos de interação dos alunos e seus familiares com os livros. É preciso registrar que muitas dessas pessoas, caso não fosse oportunizada essa atividade, talvez não teriam possibilidade de ter contato com a literatura. Desta forma acredito que estamos propiciando, via escola, a oportunidade de se familiarizarem com os livros e incentivando a leitura literária. Segundo Petit (2013),

[...] a experiência dos leitores não é radicalmente diferente, segundo o meio social, o que difere são os obstáculos. Para alguns tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. Quando se vive em bairros pobres na periferia das cidades, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que comprovam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros. (PETIT, 2013, p. 24)

Essas práticas de leitura promovidas e vivenciadas com as duas turmas do 5º ano na Escola Alberto Wienke, as repercussões desse trabalho entre as crianças e os familiares, são meu objeto de pesquisa que parcialmente apresento aqui.

¹ A concepção de “leitor” vem sendo discutida e defendida pelo grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - HISALES, coordenado pela Profa. Dra. Eliane Peres e vinculado ao Programa de Pós-Graduação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), do qual o autor é integrante. Com esta definição, compreende-se que a pessoa que lê uma história de literatura em geral para outras pessoas em voz alta, não é apenas “leitora” mas também “leadora” nesse momento de compartilhamento da narrativa com aqueles que a escutam. Tampouco seria adequado afirmar-se que ela é uma “contadora” de histórias, pois estaria contando uma narrativa, inédita ou não, sem a necessidade de ter o livro como suporte em mãos.

2. METODOLOGIA

A partir das vivências das práticas de leitura, os alunos são orientados a produzirem pequenos textos sobre a experiência. Esses registros são feitos em diários coletivos, que acompanham cada sacola. O aluno, de posse da sacola que escolheu, realiza os registros no diário que se encontra na mesma.

Assim, esses diários, que atualmente totalizam 11, sendo que a turma de 2015 deu continuidade a produção da turma de 2014, usando os mesmos diários para seus registros, são tomados aqui como dado de pesquisa. Nos 11 diários há 146 textos, produzidos pelos alunos. Com o conjunto desses 146 textos, estamos procedendo a análise para o desenvolvimento da pesquisa. Para isso, utiliza-se a análise textual.

Na análise textual as realidades investigadas não são dadas prontas para serem descritas e interpretadas. São incertas e instáveis mostrando que “ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade” (MORAES, 2004, p. 199). Assim, a produção feita pelos alunos nos diários de vivência literária expressam concepções, impressões, sentimentos, interpretação e ideias sobre a experiência de leitura que vivenciaram. Nesse sentido:

Uma análise textual qualitativa, voltada à produção de compreensões aprofundadas e criativas, requer um envolvimento intenso com as informações do corpus da análise. Exige uma impregnação aprofundada com os elementos do processo analítico. Somente essa impregnação intensa possibilita uma leitura válida e pertinente dos documentos analisados. (MORAES, 2003, p. 196).

Assim, a pesquisa, de cunho qualitativo, que toma 11 diários como objeto de estudo e a análise textual como metodologia de organização e interpretação dos dados, pretende discutir práticas de leituras literárias entre alunos que vivem e estudam em uma escola do campo. Quais os resultados de uma prática como essa?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As primeiras reflexões acerca dos registros realizados pelos alunos, motivados pela prática de leitura “Sacolas de Literatura”, em relação às leituras vivenciadas em suas casas, com seus familiares, evidenciam que os familiares, pequenos agricultores familiares, apoiam à leitura e, a sua maneira, incentivam seus filhos a continuarem o processo de formação enquanto leitores.

Uma das alunas, aqui identificada pela letra G, relata que em atividade realizada com a mãe de 33 anos, no ano de 2015, a mesma disse que o livro *“era divertido, engraçado, legal, colorido, curioso, educativo, meio assustador, em fim achou muito bom e disse que eu sei ler muito bem.”* (Diário 03) A aluna F, realizou a atividade com o pai de 42 anos, no ano de 2014, descreve que: *“Ele disse que eu sei ler muito bem e aprendeu como cuidar melhor dos dentes.”* (Diário 01). É possível perceber que as pessoas envolvidas na atividade registraram palavras de incentivo, dizendo que as crianças *sabem ler muito bem*, demonstrando uma admiração pela forma como o leitor realizou a atividade.

A aluna V, em atividade realizada em 2014, com a mãe de 42 anos, descreve: *“Elas adorou minha leitura ela gostou muito do livro, disse que também gosta de ler e que no livro tinha vários desenhos bonitos e bem coloridos”* (Diário 4). Nesse caso, a mãe diz que também gosta de ler, colocando-se como leitora, ficando evidente que ela valoriza a leitura, desta forma incentivando a filha ao desenvolvimento de tal prática. O mesmo ocorre no relato da aluna E, em atividade realizada em 2015, com

a mãe de 33 anos: "*Bom, eu contei o livro para minha mãe ela chama xxxx, tem 33 anos, tem cabelos pretos também gosta de ler, etc.*" (Diário 7).

O aluno R, em 2015, no diário 6 relata que: "*Eu contei o livro a Festa da Primareva, para minha mãe xxxx, ela tem 34 anos. Ela adorou o conto ainda mais quando eu leio para ela mas uma parte ela se assustou.*" (Diário 6). Neste caso, é dada uma grande importância para o momento, para o fato de o leitor ser o filho, "...*ainda mais quando eu leio para ela...*" (Diário 6). Mais uma vez fica evidenciado que os familiares participam e incentivam as crianças a continuarem se desenvolvendo como leitores.

4. CONCLUSÕES

Os resultados evidenciam que, mesmo em um contexto aparentemente não tão favorável ao desenvolvimento de leitores, a promoção de práticas de leituras motiva, não apenas os alunos, mas também suas famílias.

É possível perceber que estas ações proporcionadas pelo professor/pesquisador com seus alunos já têm gerado importantes e positivas repercussões na vida dos envolvidos, principalmente entre as crianças e seus familiares. Com isso, tem sido possível desmistificar ideias pré-concebidas, como as de que os alunos de escolas do campo não gostam de ler e também de que a família do meio rural não é capaz de participar do processo de formação desses leitores. Petit (2013, p. 25), afirma que:

E é ali onde a promoção de leitura, para retomar esta expressão, recupera seu sentido. Quando não se teve sorte de dispor de livros em casa, de ver seus pais lerem, de escutá-los contar histórias, as coisas podem mudar a partir de um encontro. Um encontro pode dar a ideia de que é possível ter outro tipo de relação com os livros.

É possível formar leitores também no espaço do campo. As famílias que ali vivem e trabalham podem ser incentivadoras no processo de formação de leitores, mas para isso é preciso momentos de "encontro" com os livros e a promoção de práticas de leitura literária. A escola pode ser determinantes nesse processo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever*. Coleção Gato Letrado. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

MORAES, R. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. Ciência & Educação: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

PETIT, Michèle. *Leituras: do íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2003.